

Caio Augusto Leite

(1993, São Paulo – SP) cursa pós-graduação na Universidade de São Paulo (USP) no programa de Literatura Brasileira, onde estuda a obra de Clarice Lispector. É contista, romancista e poeta. Tem dois livros publicados: *Samba no escuro* (Scortecci, 2013) e *A repetição dos pães* (Editora 7Letras, 2017).

E-mail: caio_a_leite@hotmail.com

embaralhado

Para Fernando Effori

(Ao som de “As cartas” - Chico Buarque)

Sim. O carro passara por cima, depois que ele saltou da janela e ganhou a rua em disparada. A janela aberta. O revólver na mão do homem ainda sem nome e com o rosto um pouco distorcido pela distância do observador no chão perto da banca de jornal (Eu). Da mulher só se podia ver parte do rosto minúsculo, pois refletido no espelhinho da parede longe demais para que pudesse apurar melhor os contornos da pele morena.

Nenhuma carta poderia marcar os acontecimentos futuros, por isso é necessário certo recuo – se não da consciência das personagens envolvidas, ao menos a da minha, que olhará para o passado como quem olha pelo retrovisor do carro no momento em que o atropelamento já se consumou e o corpo no chão suspira os últimos acordes da existência.

Tão te botando chifre, patrão. Disse o rapaz franzino do balcão do restaurante. Como é que é? Mas você não viu ele passando cheio de livros? Quem? O poeta! O poeta? Mas eu achei que ele era veado. Abre teu olho, patrão. Abre teu olho. Dizia limpando o balcão com um paninho tão sujo que mais sujava que limpava, deixando uma nódoa sobre a madeira, impedindo que este refletisse o rosto de quem ali olhasse, por isso ainda difuso o rosto do homem do revólver, ao menos sabe-se que marido da mulher e patrão do homem do balcão do restaurante.

Passou, como de costume, com os livros debaixo do braço. Ia ensinar poesia para Adalgisa, mulher do dono do restaurante. Cumprimentou os poucos fregueses que ocupavam as mesas cheias de moscas, cedo demais ainda naquele horário antes do meio-dia. Olhou para o moço do balcão, riu malicioso passando a mão pelo bigode. Subiu as escadas dos fundos que davam para a casa da moça.

O vai e vem do corpo sobre o outro, os livros sobre a cômoda. As roupas sem ordem pelo chão. A bunda branca cheia de pintas marrons, os gemidos abafados da moça prensada entre o rapaz e o colchão de molas velhas. Quando o corpo vinha e pesava sobre o dela, sentia incômodo na lombar por conta de uma mola solta, indo e vindo e a dor foi se tornando, aos poucos, prazer. Na frente, atrás. No avesso, no verso. O poeta sobre a cama. Parecia tão delicado que nem se pensaria que gostasse de meninas: apenas rapazes visitavam o apartamento do prédio da frente. Então as batidas na porta.

Terminou o banho. Vestiu a roupa nova. Botou perfume caro. Olhou-se no espelho, ajeitou o cabelo de lado. Ambíguo diante de si mesmo. Vendendo-se, mais vendado parecia, menos via do que um outro, que cego – com dois sexos – nada enxergava, mas tudo sabia. De cima da mesa da sala puxou três cartas do baralho. O relógio, porém, deu o sinal. Saiu sem olhar as figuras. Os livros debaixo do braço. Quais cartas eram? Que importância teriam depois, agora? Nenhuma carta pode mudar os acontecimentos depois de contados.